



Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli | ISSN 2316-1663 | V.2, N.1 | Jan. Jun. 2013

A hora da estrela: uma biografia (auto) ficcional de Clarice Lispector



The hour of the star: a (self) fictional biography of Clarice Lispector

Carlos Vinícius da Silva Figueiredo
UFMS, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 27/12/2012 • APROVADO EM 08/08/2013

Abstract

Through the trajectory of a northeastern living in Rio de Janeiro, the writer Clarice Lispector, using the voice of a narrator, who is also a writer, reflects on issues written about the cultural context of our country, revealing her roots. Based on researchers as Nolasco, Souza and Klinger that support our reflection on the biographical studies, we aimed to point out in this article that *The Hour of the Star* (1977) is the intellectual biography of the writer Clarice Lispector. In this way, it is through writing biographical fiction that makes the life of a writer or allows it to be reread in fiction. And the biographical traits that constitute the writer's life are extremely important and should be taken as part of this set that redraws life and work.

Por meio da trajetória de uma nordestina vivendo no Rio de Janeiro, a autora Clarice Lispector, utilizando-se da voz de um narrador homem, que também é um escritor, reflete sobre questões de escrita, sobre o contexto cultural de nosso país, descortinando assim suas raízes. Sob a esteira de pesquisadores como Nolasco, Souza e Klinger que amparam nossa reflexão sobre os estudos biográficos, objetivamos com este artigo apontar que *A hora da estrela* (1977) constitui a biografia intelectual da ficcionista Clarice Lispector. Dessa forma, é por meio da escrita biográfica que a ficção produz a vida de um escritor ou permite que esta seja relida na ficção. E os traços biográficos que constituem a vida do escritor são de extrema importância, devendo ser tomados como parte desse conjunto que redesenha vida e obra.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Lispector. Intellectual. Biography.

PALAVRAS CHAVE: Lispector. Intelectual. Biografia

Texto integral

RELAÇÃO VIDA X OBRA EM A HORA DA ESTRELA

Da vida à obra e do texto da ficção ao texto da vida, a imagem do próprio, tanto da escritora quanto do texto, é rasurada, como forma de lembrar-nos, talvez, de que a propriedade do que quer que seja em Clarice Lispector está sempre aquém da vida e além da ficção. (NOLASCO, 2004, p. 200)

No dia 10 de dezembro de 1920, na cidade de Tchetelnik, uma aldeia da Ucrânia, pertencente à Rússia, nasce Haia Lispector, a terceira filha do casal Pinkouss e Mania Lispector, para compor, juntamente com suas irmãs, Leia e Tânia, a família Lispector. O nascimento ocorre durante a viagem de emigração da família em direção à América, uma vez que os pais, judeus que moravam em Savran, decidem emigrar, três anos após a Revolução Bolchevique, de 1917, acudados por sucessivas guerras internas e constante perseguição anti-semita.

Em março de 1922, a família Lispector chega ao Brasil, trazida pelo navio Cuyabá, à cidade de Maceió. No Brasil, adotam novos nomes por iniciativa do pai Pinkouss, e Haia passa a ser chamada de Clarice. É oportuno contar um pouco da história do primeiro nome de Lispector para, daí, mais adiante, traçar algumas reflexões importantes sobre *A hora da estrela*.

Haia, em hebraico, significa vida ou clara e que, de acordo com Nolasco:

A pequena que nascera trazia em seu nome a esperança de um futuro melhor para a família judia que emigrava pelo mundo e também a promessa de curar a mãe de doença. Se a esperança se cumpriu com a família chagando e se instalando em terras brasileiras, o mesmo não aconteceu com a mãe, que fica cada vez mais enferma, vindo a falecer poucos anos depois. (NOLASCO, 2004, p.17)



Observa-se, ainda na esteira de Nolasco, (2004) que Lispector sempre procurou ocultar tal informação sobre seu nome, a escritora “procurou, a todo custo, esconder sua condição de judia, ou, pelo menos, não tratou da questão; evitou, o quanto pode, falar de sua mãe, como forma de esconder seu estrangeirismo.” Entretanto, cremos que nada disso adiantou, pois, como mostraremos neste artigo, a relação vida x obra fica latente na escrita de Lispector, no qual, “o fato de pertencer àquele passado fez com que o mesmo continuasse ensombrando sua vida e sua escrita, por meio de algumas imagens e gestos da autora que acabaram tendo efeito contrário.” (NOLASCO, 2004, p. 18)

Para entender melhor as facetas que compõem o trabalho de Lispector na produção da obra e, por extensão, confirmar nossa hipótese de que A hora da estrela corresponde à biografia autoficcional da autora, recorreremos ao que a teoria da crítica biográfica tem a nos dizer.

Diana Klinger (2007), em seu livro *Escritas de si, escritas do outro*, explora o termo a escrita de si, termo esse elaborado por Foucault, correspondendo não apenas a um registro do eu, “mas que constitui o próprio sujeito, performa a noção de indivíduo”. Contudo, o caminho para esse autoconhecimento não é o da história, pois como afirma Michael Foucault, “a história nos cerca e delimita; não diz o que somos, mas aquilo de que estamos em vias de diferir; não estabelece nossa identidade, mas a dissipa em proveito do outro que somos.” (FOUCAULT apud DELEUZE, 1992, p. 119)

Continuando com as contribuições de Klinger (2007), é necessário atentar para o fato de que toda contemplação da vida está ligada a uma rede de relações sociais, por essa razão, a escrita de si passa, necessariamente, pela escrita do outro. Deve-se entender que apesar de um relato expressar uma época e uma sociedade, ele não é capaz de compor uma identidade; por outro lado, não é possível se pensar um eu solitário, fora de sua rede de comunicação.

Miguel Chaia (1996), no artigo “Biografia: método de reescrita da vida,” aponta que “a expressão artística, na qual o sujeito tenciona ao máximo a individualidade para compreender a realidade, a si mesmo e ao outro, configura-se como a mais contundente possibilidade biográfica.” (CHAIA, 1996, p.80) Portanto, a realização de biografias, do ponto de vista cultural, pressupõe uma rede de relações sociais.

Dáí podermos dizer, nessa relação vida x obra, que uma se constitui enquanto tal imitando a outra, porque ambas nada mais são do que “tecidos de signos” imaginariamente criados e vividos. (BARTHES, apud NOLASCO, 2004 p.22) Barthes (2004) afirma, ainda, que o romancista inscreve-se em sua ficção como

uma personagem desenhada em sua escrita, fazendo de sua vida uma “fábula concorrente com a obra.” (BARTHES, apud NOLASCO, 2004, p.22) Por essa perspectiva, acreditamos, na esteira de Nolasco, que fazer da vida uma fábula concorrente com a obra é mais do que ler a vida da escritora Lispector como um texto (“bio-grafia”), mas perceber o valor em si de vida e obra e lê-las simultaneamente.

Se, em um primeiro momento, Clarice tenta esconder o traço biográfico, como havíamos dito, ao longo de sua obra acontece o oposto, “agora é o ficcional que vai ficar colado ao vivido,” até mesmo confundindo-se com ele. Edgar Nolasco afirma que:

A autora não só fez de sua vida matéria para a ficção, como se tornou, de forma singularíssima, seu próprio tema ficcional. Muitos de seus textos, por exemplo, vão ter como pano de fundo a memória da infância vivida, e de suas reminiscências para a construção de sua ficção. Nessa visita ao passado, tentativa de reconstituir fatos que ficaram perdidos na sua história pessoal, ficcionaliza extrapolando, em muito, os limites do acontecido. (NOLASCO, 2004, p.78-79)

Nesse sentido, Eneida Maria de Souza constata que:

Ao se considerar a vida como texto e suas personagens como figurantes deste cenário de representação, o exercício da crítica biográfica irá certamente responder pela necessidade de diálogo entre a teoria literária, a crítica cultural e a literatura comparada, ressaltando o poder ficcional da teoria e a força teórica inserida em toda ficção. (SOUZA, 2002, p.119-120)

É a partir dessa experiência de vida que salta aos olhos na escrita de Lispector que procuramos apresentar como se dá a construção da biografia ficcional da autora, almejando, assim, contar a história da pobre moça Macabéa e seu idealizador Rodrigo S. M., na história da escritora Clarice Lispector.

Logo de início, deparamo-nos com Rodrigo, justificando como conhecia a história da pobre moça Macabéa: “É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina.” (LISPECTOR, 1998, p.12) E continua trazendo à tona uma referência biográfica: “Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste. Também sei das coisas por estar vivendo.” (LISPECTOR, 1998, p.12) Podemos encontrar, aí, a tentativa de Lispector de esconder seu passado humilde enquanto filha de imigrantes no Nordeste brasileiro, mas ela nos deixa escapar isso se levamos em consideração sua biografia, como já exposto no início.

Em outra passagem:

Pretendo, como já insinuei, escrever de modo cada vez mais simples. Aliás o material de que disponho é parco e singelo demais, as informações sobre os personagens são poucas e não muito elucidativas, informações essas que penosamente me vêm de mim para mim mesmo [...] (LISPECTOR, 1998, p.14)

Percebemos, por essas palavras, que Lispector procura buscar, em sua memória, em seu passado, dentro de suas relações mais íntimas, as informações necessárias para construir a narrativa da pobre moça, que, por hora, tentou esconder durante sua produção, mas que, em *A hora da estrela*, emergiu como uma válvula de escape. De acordo com Rodrigo: “O que me proponho contar parece fácil e à mão de todos. Mas a sua elaboração é muito difícil. Pois tenho que tornar nítido o que está quase apagado e que mal vejo.” (LISPECTOR, 1998, p.19) Assim, é por meio da escrita biográfica que a ficção produz a vida de um escritor ou permite que esta seja relida na ficção. E os traços biográficos que constituem a vida do escritor são de extrema importância, devendo ser tomados como parte desse conjunto que redesenha vida e obra.

Em um trecho de uma carta de Lispector, ao então Presidente da República, Getúlio Vargas, de 3 de junho de 1942, ela solicita dispensa do prazo de um ano que se exigia para a obtenção da naturalização:

Quem lhe escreve é [...] Uma russa de 21 anos de idade e que está no Brasil há 21 anos menos alguns meses. Que não conhece uma só palavra de russo, mas que pensa, fala, escreve e age em português, fazendo disso sua profissão e nisso pousando todos os projetos do seu futuro, próximo ou longínquo. (LISPECTOR, apud GOTLIB, 2008 p.147)

Lispector continua, afirmando que “o que tudo fiz tinha como núcleo minha real união com o país e que não possuo, nem elegéria, outra pátria senão o Brasil.” (LISPECTOR, apud GOTLIB, 2008 p.147) Daí podermos observar o quanto a temática nacional sempre ocupou lugar de destaque na produção da escritora, a exemplo da seguinte citação:

Desde que me conheço o fato social teve em mim importância maior do que qualquer outro: em Recife os mocambos foram a primeira verdade para mim. Muito antes de sentir "arte", senti a beleza profunda da luta. Mas é que tenho um modo simplório de me aproximar do fato social: eu queria era “fazer” alguma coisa contra a injustiça social, (como se escrever não fosse fazer), por mais que a incapacidade me doa e me humilhe. O problema da justiça é em mim um sentimento tão óbvio e tão básico que não consigo me surpreender com ele e, sem me surpreender não consigo escrever. (LISPECTOR, 1998, p.25)

Com base no exposto, Edgar C ezar Nolasco (2004) lembra-nos que “a literatura de Clarice erige-se apontada para a insatisfa o do mundo. Movida por uma técnica pessoal, a linguagem clariciana tenciona a realidade, no sentido de se exaurir dentro do texto.” (NOLASCO, 2004, p. 45) Na esteira de Nolasco, Rodrigo e Lispector nos d o a entender que Macab ea   a própria “realidade”, sem enfeite nenhum. A realidade nua e crua exposta em uma obra singular que fecha o projeto literário de Lispector e nos faz enxergar as mazelas sociais de nosso País. Daí compreendermos a necessidade, quase desesperada de Rodrigo S. M., quando diz precisar falar da nordestina, senão sufocaria, já que ela o acusa e o meio de ele se defender   escrever sobre ela. De acordo com Antonio Candido, “a brutalidade da situa o   transmitida pela brutalidade do seu agente (personagem), ao qual se identifica a voz narrativa, que, assim, descarta qualquer interrup o ou contraste crítico entre narrador e matéria narrada.” (CANDIDO, 1989, p. 212)

Percebemos que, ao criar Macab ea para se mostrar, Rodrigo S. M. tira tudo de si e enfatiza sua decadência enquanto ser social.   a  que encontramos a sobreposi o de autorias, igualmente empregada para colocar em evidência aquele que fala e, por sua vez, denunciando sua perspectiva ou o lugar dessa fala.

Mais do que expor as mazelas da sociedade, o discurso de Lispector está preocupado em tocar na ferida aberta desse País, onde há milhões de brasileiros que estão em condi o de penúria e abandono e, por extensão, como essas pessoas foram retratadas na literatura.

Como já dito anteriormente, Lispector sempre procurou esconder seu traço estrangeiro ou, talvez, de alguém “fora do lugar”, mas, ao retomarmos a rela o intrínseca existente entre a personagem Macab ea e a família de Lispector, podemos v -la como uma alegoria do passado sofrido da família da escritora. A travessia retirante de Macab ea espelha, de forma especular, tanto a travessia bíblica dos Macabeus, 1 quanto a travessia pessoal da própria escritora Clarice Lispector, reconhecemos que a travessia biográfica da escritora já se encontra, historicamente falando, dentro da travessia dos judeus/macabeus, ou seja, enfatizamos que o livro, *A hora da estrela* (1977), pode ser lido como a biografia ficcional da escritora, posto que sua narrativa traz, em pano de fundo, a história da família Lispector metaforizada na história dos foragidos macabeus judeus, exemplo da passagem: “Juro que este livro   feito sem palavras.   uma fotografia muda. Este livro   um sil ncia. Este livro   uma pergunta.” (LISPECTOR, 1998, p. 17) Poderíamos estender tal fotografia, para a fotografia da vida de Lispector, fotografia do real, de uma imagem nua e crua da sociedade brasileira, diria mais, de um auto retrato da pobreza do povo brasileiro. De acordo com Rodrigo S. M.: “Ainda bem que o que vou escrever já deve estar na certa de algum modo escrito em mim. Tenho   que copiar.” (LISPECTOR, 1998, p. 17)

RODRIGO S.M.   MACAB EA QUE   CLARICE LISPECTOR

1 Ver BÍBLIA SAGRADA, p.855-511: Macabeus (livro I e II)

[...] meu poder é só mostra-la para que vós a reconheçais na rua, andando de leve por causa da esvoaçada magreza. (LISPECTOR, 1998, p. 19)

Continuemos, agora, com mais uma questão: Em que medida Rodrigo S. M. é Macabéa que, por sua vez, é Clarice Lispector? Para responder tal questionamento, recorreremos aos livros: de Edgar Cezar Nolasco, intitulado *Caldo de Cultura: a hora da estrela e a vez de Clarice Lispector e Clarice: uma vida que se conta*, de Nádya B. Gotlib que nos ajudam a refletir melhor sobre o bio de Lispector.

Em *A hora da estrela*, salvo as poucas diferenças, vemos que a escritora constrói o seu próprio retrato bioficcional. Tal retrato é constituído de uma face dupla; uma, representada por Rodrigo S. M. e, a outra, o reflexo de Macabéa, ou seja, é a própria Lispector se tecendo e destecendo por meio das biografias do autor-narrador-personagem e da anti-heroína. Nas palavras de Dalcastagnè, trata-se de uma espécie de “testamento literário, que estreita as fronteiras entre criação e vida a partir de um posicionamento ético.” (DALCASTAGNÈ, 2005, p.36). Nolasco, ao tratar do posicionamento do crítico literário contemporâneo, aponta que:

O crítico biográfico não é aquele que decifra o enigma do texto, ou do autor, mas aquele que sabe articular o texto com o paratexto, a ficção com a não-ficção, a obra com a vida e vice-versa, na tentativa detetivesca de alargar a produção daquilo a que chamamos leitura. A escrita do imaginário biográfico relembra os fatos da vida em seu processo e os reinventa, dando a eles uma marca de verdade até então não percebida. (NOLASCO, 2004, p.88)

Ao tratarmos de crítica biográfica, não poderíamos deixar de lado as contribuições de Eneida Maria de Souza, que se encontram no texto “Notas sobre a crítica biográfica”, de acordo com Souza, “a crítica biográfica, por sua natureza compósita, englobando a relação complexa entre obra e autor, possibilita a interpretação da literatura além de seus limites intrínsecos e exclusivos, por meio da construção de pontes metafóricas entre o fato e a ficção.” (SOUZA, 2002, p.111)

Para Souza, os fatos da experiência, ao serem interpretados como metáfora e como componentes importantes para a construção de biografias, se integram ao texto ficcional sob a forma de uma representação do vivido. Dessa forma, ao se considerar a vida como texto e suas personagens como figurantes desse cenário de representação, o exercício da crítica biográfica irá, certamente, responder pela necessidade de diálogo entre a teoria literária, a crítica cultural e a literatura comparada, ressaltando o poder ficcional da teoria e a força teórica inserida em toda ficção.

Na esteira de Souza, a articulação entre obra e vida desloca o lugar exclusivo da literatura como corpus de análise e expande o feixe de relações culturais. Os

limites provocados pela leitura de natureza textual são equacionados em favor do exercício de ficcionalização da crítica. Em suma, a crítica biográfica ocupa um entre-lugar (teoria/ficção-documento/literatura), que permite que se construa a biografia ficcional do autor, feita pelo leitor, que não deixa de ser do leitor, sendo esse nosso objetivo com relação à obra *A hora da estrela* de Lispector.

De acordo com Nolasco, o fato de o livro *A hora da estrela* ter, por escritor/narrador, o autor Rodrigo S. M., logo de início, remete-nos para a figura da escritora Clarice Lispector, uma vez que o livro traz uma “dedicatória do autor” (na verdade, Clarice Lispector) que metaforiza a relação entre ambos. Para representar tal relação, inicialmente, Nolasco escolhe a expressão “nós somos um”, na qual se pode observar que, se nós somos um, logo Rodrigo S. M. é Clarice Lispector, que é Macabéa metaforicamente.

Tal expressão também pode ser relacionada ao slogan do nosso governo atual, “Brasil um país de todos”. Como já levantado o debate, encontramos, ocupando o posto mais alto de nosso País, alguém que, um dia, já passou fome, que saiu de um lugar subalterno e alcançou o seu direito ao grito. Por essa perspectiva, cada cidadão, que também está à margem da sociedade, pode se ver representado na figura do presidente; logo, se o Brasil é um País de todos, todos somos um na figura do presidente. Todavia, estamos cientes da diversidade partidária que constitui nossa sociedade e a oposição existente entre elas, e que nossa leitura procura não fazer alusão a favor ou contra a política do País e, embora esse debate nos agrade, não teríamos como explorá-lo com a profundidade que ele merece neste momento.

Nas páginas iniciais de *A hora da estrela*, momento em que o narrador se prepara para começar a contar a história de Macabéa, Rodrigo S. M. nos apresenta um retrato mal falado de sua figura, enquanto escritor, intelectual. O escritor-personagem começa por apresentar-se dizendo que, “em menino, se criou no Nordeste,” (LISPECTOR, 1998, p.18) como também Macabéa e Olímpico. Daí nossa primeira relação que une Lispector e seus personagens, uma vez que é sabido que Lispector e sua família vieram para o Brasil e passaram parte da vida no nordeste. Segundo Lispector:

E a história é a seguinte: nasci na Ucrânia, terra de meus pais. Nasci numa aldeia chamada Tchechelnik, que não figura no mapa de tão pequena e insignificante. Quando minha mãe estava grávida de mim, meus pais já estavam se encaminhando para os Estados Unidos ou Brasil, ainda não haviam decidido: pararam em Tchechelnik para eu nascer, e prosseguiram viagem. [...] De Kichinev a Galatz a Bucarest, de Bucarest a Budapest, os prazos de permanência se esgotando, e, agora, não só dos Estados Unidos, como também do Brasil, para onde haviam apelado, tardavam as cartas de chamada[...] As cartas do Brasil vieram, afinal. (LISPECTOR, apud GOTLIB, 2008, p.34-43)

Ao tratar da família de Lispector, lembramos, biograficamente, que a própria escritora teve uma infância difícil, não que tenham passado fome, mas, em virtude de melhores condições de trabalho para o pai, a família se mudou para Recife e, mais tarde, para o Rio de Janeiro. Não obstante, lembramos que essa é a mesma trajetória da personagem Macabéa que, assim que perde os pais no sertão de Alagoas, muda-se com a tia beata para Maceió, vindo, mais tarde, para o Rio de Janeiro. Temos, aqui, o ponto de partida para a construção da biografia ficcional de Lispector.

Não é escusado lembrar que, no prefácio da obra, escrito por Eduardo Portela, encontramos o seguinte questionamento: “Devemos falar de uma nova Clarice Lispector, “exterior e explícita”, o coração selvagem comprometido nordestinamente com o projeto brasileiro?” (PORTELLA, apud LISPECTOR, 1978, p.9)

Tal questionamento nos permite observar, na esteira de Portella, que Lispector sempre foi uma escritora brasileira, capaz de transpor o simplesmente figurativo ou apenas o folclórico, e pedir um “Brasil desde dentro,” (PORTELLA, apud LISPECTOR, 1978, p.9) em que “a narrativa de agora se amplia numa alegoria regional, que é também a alegoria da esperança possível.” (PORTELLA, apud LISPECTOR, 1978, p.9) Esperança, essa, que move centenas de milhares de pessoas, aquela resistente raça anã teimosa, a deixarem sua terra para tentar a sorte no ambicionado clã do sul do país. Confirma as palavras de Portela a afirmação de Lispector em entrevista ao Museu da Imagem e do Som no dia 20 de outubro de 1976, ao falar de Macabéa: “[...] ela é nordestina e... eu tinha que botar para fora um dia o nordeste que eu vivi.” (LISPECTOR, apud GOTLIB, 2008, p.439)

Edgar Cezar Nolasco resume de forma pertinente o que objetivamos apresentar:

No início de seu projeto literário, o ficcional seria o lugar onde o traço biográfico se escondia; no decorrer desse projeto acontece justamente o oposto: agora é o ficcional que vai ficar “colocado” ao vivido, confundindo-se com ele. O vivido passa a ser ficção. (NOLASCO, 2004, p.78)

O pesquisador afirma que, em se tratando de Clarice Lispector, não se pode esquecer do fato de que ela fez de sua vida matéria para sua ficção. Em carta, à própria autora, sobre o livro *Água viva* (nessa época intitulado *Objeto gritante*), José Pessanha observou:

E, se como você mesma sabe, fazer literatura nunca significou para você o que geralmente significa para o literário “profissional” – é seu modo de sobreviver adiando abismos, como Xerazade que inventa estórias para adiar com palavras as ameaças – aquela inerência do escrito ao vivido talvez crie impasses de que você terá que ter consciência para superar (quer do lado vivido, quer

Continua Pessanha: “Tento me explicar melhor: você se transcende e se ‘resolvia’ em termos de criação literária: agora a ‘literatura’ desce a você e fica (ou aparece) como imanente ao seu cotidiano; você é seu próprio tema”. Asseveram as palavras de Pessanha, a biógrafa Nadia Gotlib, quando afirma que: “embora afirme não ser essa a sua intenção, insere, também, um passado seu, inclusive literário, através de textos diversos que já produziu e publicou anteriormente: contos, crônicas, capítulos ou trechos de romance.” (GOTLIB, 1995, p.375)

Podemos entender perfeitamente porque o narrador carrega consigo toda a culpa do mundo. E por que ele não consegue nunca se afastar do seu personagem central, a moça, ou de seu personagem predileto, a morte, culminando com aquela constatação final, onde os três se reúnem e se abraçam para sempre: “A moça me matou.” (LISPECTOR, 1998, p. 27)

Dessa forma, vemos que, tanto a escritora Lispector, Rodrigo S. M. e Macabéa ocupam um lugar ainda à margem da cultura hegemônica. Tomando as palavras de Santiago, encontramos: “o escritor latino-americano nos ensina que é preciso libertar a imagem de uma América Latina sorridente e feliz, o carnaval e a festa, colônia de férias para turismo cultural.” (SANTIAGO, 1978, p.26)

De todo o exposto, Clarice Lispector, com sua última produção, vira do avesso seu projeto anterior tradicional e moderno, por excelência, voltando-se contra qualquer visada de binarismo hegemônico, centrada na lógica do sistema dominante imperante. Pelo contrário, a luta que embasa o projeto intelectual da escritora Clarice Lispector e do escritor Rodrigo S. M., bem como de todos seus respectivos personagens, principalmente de Macabéa e de Olímpico de Jesus, dá-se atravessada por uma lógica de dominação e subordinação, contradição e negação que marca as identidades como subalternas.

Podemos dizer que, em *A hora da estrela*, a autora assinala o problema social dicotômico entre elite/subalterno, subalternidade e hegemonia, propondo uma discussão crítica da sociedade e da cultura brasileira como um todo, ao invés de tentar transcender, ou escamotear tal problema.

- LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.
- CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite**. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- CHAIA, Miguel. **Biografia: método de reescrita da vida**. In: HISGAIL, Fani (org). *Biografia: sintoma da cultura*. São Paulo: Hackers editores: Cepusc, 1996, p.75 – 82.
- DALCASTAGNÉ, Regina. **Contas a prestar: o intelectual e a massa em A hora da estrela de Clarice Lispector**. In: Revista de crítica literária latino-americana. Lima-Hanover, nº51, p. 83-98, 2000.
- _____. **Entre fronteiras e cercado de armadilhas: problemas da representação na narrativa brasileira contemporânea**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Finatec, 2005.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- FIGUEIREDO, Carlos Vinícius da Silva. **O direito ao grito: A hora do intelectual subalterno em Clarice Lispector**. Três Lagoas: Campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2009, 110 f. (Dissertação de Mestrado)
- GOTLIB, Nádia Battella. **Clarice: uma vida que se conta**. São Paulo: Ática, 1995.
- _____. **Clarice fotobiografia**. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.
- KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- NOLASCO, Edgar Cezar. **Restos de ficção: a criação biográfico literário de Clarice Lispector**. São Paulo: Annablume, 2004.
- _____. **Clarice Lispector: nas entrelinhas da escritura**. São Paulo: Annablume, 2001.
- _____. **Caldo de cultura: A hora da estrela e a vez de Clarice Lispector**. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.
- SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos: Ensaios sobre dependência cultural**, Col. Debates. Editora Perspectiva, São Paulo, 1978.
- SOUZA, Eneida Maria. **Notas sobre a crítica biográfica**. In: *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

Para citar este artigo

FIGUEIREDO, Carlos Vinícius da Silva. A hora da estrela: uma biografia (auto) ficcional de Clarice Lispector **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 2., n. 1., Jun. 2013, p. 39-49.

O Autor

Professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul, IFMS/COXIM. Mestre em Estudos Literários pela UFMS.